

A ARGILA NA EDUCAÇÃO DAS ARTES VISUAIS – DO BARRO A CRIAÇÃO

DENISE CASTANHA DE AVILA DE LEMOS¹; MARISTANI POLIDORI
ZAMPERETTI²

¹Universidade Federal de Pelotas – denlemos@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – maristaniz@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho está associado a um projeto de ensino da nossa universidade, intitulado “PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência”, que congrega professores-coordenadores do PIBID e acadêmicos das diversas licenciaturas da UFPel. O objetivo principal do projeto é incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica, contribuindo para a valorização do magistério. Através do PIBID estabelecemos um contato entre os futuros professores e o cotidiano das escolas e suas salas de aula, promovendo uma articulação entre a educação superior e as redes de ensino público de nossa cidade.

Trago para este trabalho o relato de ações desenvolvidas na sala de aula e a importância do uso da argila como material sensível, além de uma análise da aceitação dos alunos com as práticas vivenciadas com a argila.

Para elaborar esse texto busco subsídios na análise de documentos – planos de aula e projetos elaborados dentro da escola – anotações e reflexões feitas a partir de meu diário de bordo, arquivos fotográficos pessoais, e também a leitura de textos estudados ao longo da minha graduação. Como referencial teórico, apresento autoras que mencionam a importância da arte na sala de aula, como Barbosa (2010) e Ferraz e Fusari (1993). Trabalho com foco na educação em artes visuais no contexto do ensino fundamental, tendo um direcionamento para o uso de argila como elemento construtivo da escultura, como também na confecção de pigmentos e tintas. Busco, desta forma, trazer uma perspectiva de arte/educação voltada para a leitura, contextualização/reflexão/crítica e fazer artístico, baseando-se em uma pedagogia do sensível e a na arte como área de conhecimento (BARBOSA, 2003; DUARTE JR, 2001).

A argila tem sido utilizada nos anos iniciais da escolarização, ainda que em pouca escala, se comparada a outros materiais artísticos. Porém, como assegura D’Antino (1989, p. 30), é “[...] muito difícil encontrarmos uma criança que tenha dificuldade em manusear o barro, porém isso pode acontecer e eventualmente precisar ser trabalhado. Em geral, é o material preferido pelas crianças e infelizmente o menos permitido”.

Os trabalhos com argila nas escolas são pouco estudados e/ou pesquisados, o que deixa de proporcionar diversas aprendizagens para os alunos e professores. Geralmente, as atividades se limitam à exploração do material, e estes objetos criados são negligenciados, diferente do que ocorre com desenhos e pinturas, por exemplo. As crianças utilizam a modelagem como uma atividade fabuladora ou expressiva, participando ativamente do processo de criação, produzindo sucessões de imagens, signos, símbolos, que às vezes são mais considerados por ela no momento em que aparecem, do que no resultado final do trabalho (FERRAZ E FUSARI, 1993).

2. METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado em uma turma de terceiro ano do ensino fundamental, com uma média de 25 alunos, todos na faixa etária regular entre nove e dez anos.

A metodologia pedagógica de oficinas tem sido desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - Pibid/UFPEL, desde 2014, em algumas escolas do município. Particularmente, percebo que esta é uma metodologia que possibilita formas diferenciadas de comunicação, onde o grupo faz parte de uma equipe coletiva de trabalho. Neste processo de ensino “[...] através da oficina, podemos ensinar de forma mais humanizada, onde a cultura e os valores dos alunos participantes são respeitados. As oficinas promovem a abertura de um espaço de aprendizagem alternativo” (VIEIRA e VALQUIND, 2002, p.17). Trabalhar as oficinas de arte, com os alunos, é possibilitar uma forma dinâmica de aprendizado, onde o aluno pode refletir e entender as dificuldades que os povos da época em estudo encontravam para confeccionar suas pinturas, entendendo seus hábitos e costumes, por exemplo, quando trabalhamos com temas da História da Arte.

No primeiro encontro o tema trabalhado foi a Arte Rupestre. Para contextualizar o assunto elaborei o material teórico e levei livros com ilustrações deste período, possibilitando assim aos alunos o manuseio de livros de artes. Esta atividade serviu para apresentar as crianças a pesquisa através de livros físicos, visto que, no encontro para realização diagnóstico e observação, os mesmos sinalizaram não ter o hábito de consulta em livros – faziam suas consultas apenas pela internet. No segundo encontro retomei as explicações da aula anterior, e mostrei novamente os livros de artes. Na primeira parte da atividade do dia, construímos as tintas com materiais simples e de fácil acesso – temperos de cozinha como açafrão e colorau, além de argila de dois tons, confeccionadas a partir do suco da beterraba e amora. Coloquei alguns metros de papel pardo no chão da sala de aula e os alunos amassaram o papel para criar uma textura, com o intuito de imitar uma parede rochosa. Os desenhos, então, foram feitos sobre esse papel, bem como as impressões com as mãos tintadas de argila (Fig. 1).



Figura 1. Pintura com tintas de argila e materiais naturais
Fotografia: Denise Lemos.



No terceiro encontro assistimos o filme “Tainá” (LAMARCA; BLOCH, 2010), introduzindo o tema da arte indígena. A ideia seguinte era produzir peças com tema indígena, a partir da discussão sobre o filme.

Com o objetivo de divulgar, valorizar e reconhecer as produções realizadas por todos os alunos durante o período do estágio, expliquei para a turma sobre obras de artes e exposições de artistas, e decidimos fazer uma exposição para os trabalhos de arte rupestre, indígena e afro-brasileira. Este momento foi considerado como uma oportunidade para apreciarmos o trabalho da turma e também de mobilizarmos a comunidade escolar e a família de cada aluno. Dei início então a organização da exposição.

Através de convites impressos, mobilizamos a comunidade escolar e as famílias dos alunos. Neste momento fiquei com receio e medo que os familiares não comparecessem, entristecendo os alunos. A direção da escola nos deu apoio e liberou o espaço do pátio coberto. As crianças ficaram muito entusiasmadas pelo fato de poderem mostrar seus trabalhos. Selecionamos os trabalhos e organizamos o material para exposição no dia anterior. No dia da exposição eles estavam eufóricos e agitados, até o momento em que começamos a montar as mesas e expor as fotos. Todos participaram da montagem da exposição e ficaram até o final da atividade.

O título “Arte na Raiz do Brasil” partiu da frase dita por um aluno durante as oficinas para criação de tintas com materiais naturais. Esta exposição traz uma mostra parcial de trabalhos, estudos, opiniões e reflexões de diversos elementos sobre a arte rupestre e indígena, realizadas pela turma do 3º ano da escola, com o objetivo de compreenderem e conhecerem mais profundamente, a arte e cultura brasileira.

Consideramos que a inserção da temática de arte rupestre, indígena, africana e afro-brasileira, é importante para conhecermos a formação do povo brasileiro. Reconhecendo-nos como parte integrante de uma sociedade multicultural, é possível incentivar o respeito e o contato intercultural, apresentando aos alunos a atual realidade de índios e afro-brasileiros.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Trabalhei como proposta de ensino-aprendizagem, o manuseio e o conhecimento da matéria-prima – a argila – de forma que os alunos pudessem dialogar com o material, encontrando momentos de prazer e sensibilidade na pesquisa com a produção plástica e poética, procurando a construção de uma prática de ensino em artes com material de fácil acesso e voltado para a sensibilização crítica e o cuidado, como uma ação de respeito para todos os envolvidos.

A modelagem com argila favorece o jogo simbólico, pois através dela as crianças dão significados às formas que elaboram, e as modificam à medida que trabalham. Dessa maneira, permite-se que os alunos tenham maior contato com os sentidos, principalmente o tato e a visão, além de liberar seus movimentos e desenvolver a percepção e a psicomotricidade, fatores importantes na sua formação. Ao trabalhar com a argila vale bater, enrolar, furar, torcer, beliscar, amassar, puxar ou alisar com os dedos molhados.

A experiência vivenciada me colocou a frente à realidade escolar e as dificuldades do cotidiano do docente, além de realizar a inserção no dia-a-dia da escola, proporcionando momentos de dificuldades e reformulações dos planejamentos. Houve também a possibilidade de entender, compreender e



analisar cada passo do plano de aula na prática pedagógica, concebendo assim a importância do planejamento e dos passos metodológicos mostrando que é possível usar a argila como material para desenvolvimento sensível/estético do aluno.

4. CONCLUSÕES

Durante o período de atuação na escola observei o quanto a interação, as experiências e as vivências construídas em sala de aula são importantes para o aprendizado do aluno e do professor. Sentimentos como apreensão e euforia se misturam, tendo em vista que a expectativa de aliar a teoria com a prática pode não ser plenamente atingida, porém entendendo que há muito ainda a aprender. Estas vivências reforçam significativamente a possibilidade de estarmos no desenvolvimento de relações sociais, nas quais se encontram as possibilidades de interações que podem ser consideradas proveitosas para o crescimento do indivíduo na sua vida social. A experiência no PIBID – Artes Visuais coloca o acadêmico frente à realidade escolar e as dificuldades do cotidiano do docente, além de realizar a inserção no cotidiano escolar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no Ensino da Arte**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

DUARTE JR, J. F. **O sentido dos sentidos**: a educação (do) sensível. Curitiba/PR – Criar Edições.

D'ANTINO, Cecília. O Barro e a Expressão do Excepcional. In: CAMARGO, Luís (org.). **Arte-educação: da pré-escola à universidade**. São Paulo: Nobel, 1989.

LAMARCA, Tânia; BLOCH, Sérgio. **Tainá: Uma Aventura na Amazônia**. Rio de Janeiro: Tietê Produções Cinematográficas, 2010. 1 DVD (90min), color.

FERRAZ, Maria Heloísa de Toledo.; FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

VIEIRA, Elaine; VALQUIND, Lea. **Oficinas de ensino: o quê? Por quê? Como?** Porto Alegre: EDIPURS, 2002.